

Sessão de encerramento do 1º Congresso Internacional sobre a Guerra Colonial: realidade e ficção

Minhas senhoras e meus senhores:

Contrariamente ao que é habitual neste tipo de realizações, não irei apresentar-vos nenhuma conclusão deste Congresso. E isto por duas razões:

- Em primeiro lugar, porque tenho a sensação de que, qualquer tentativa de o fazer, iria reduzir a complexidade e a riqueza de um acontecimento singular à dimensão de um vulgar Congresso.

Seria injusto fazê-lo.

- Em segundo lugar, porque ainda que o tentasse, dificilmente *levaria a carta a Garcia*, dada a quantidade e a qualidade da informação produzida e partilhada.

Seria um atrevimento.

Por isso, limitar-me-ei apenas, a partilhar convosco algumas reflexões pessoais suscitadas pela vivência destes três dias.

Ao olhar para o que aqui aconteceu, vem-me à lembrança a espantosa lição que colhi aos 18 anos, quando, caloiro, assisti à primeira aula de um colaborador da Universidade Aberta, então Director do ISCSPU, o Professor Adriano Moreira.

Dizia ele a dada altura: -“ os senhores estão a entrar na Universidade Técnica, numa escola de Ciência Política: nunca se esqueçam de que **uma Universidade é um local onde se estudam as alternativas. Aqui todas as opiniões são possíveis desde que rigorosamente fundamentadas**”. A espantosa lição sobre a **liberdade académica** contida nestas palavras simples tem vindo a orientar-me ao longo da minha vida.

De facto, a Universidade deve ser um **santuário da liberdade de expressão na procura sistemática do Saber e na sua partilha**. E para que isto aconteça é necessário que no exercício dessa liberdade aprendamos a diferença subtil entre o verdadeiro **diálogo** e os **monólogos** sobrepostos, entre a **empatia** e a **condescendência**, entre o **exercício da cidadania** e o **populismo do politicamente correcto**.

Neste encontro tenho a sensação que isso foi conseguido:

Os protagonistas foram muitos e variados:

- **Militares**, profissionais ou não, que viveram a tragédia da guerra que os marcou a fogo, independentemente do lado da barricada em que estavam;
- **Famíliares** que partilharam na carne e no espírito, em tempo real ou em diferido, essa experiência ou os seus efeitos;
- **Refractários e desertores**, que viveram o exílio e a solidão de serem estranhos em terra alheia;
- **Escritores, jornalistas, opositores e defensores, investigadores e gestores**, todos se reuniram
... para recordar,
... para compreender,
... para expressar o seu olhar
... e para escutar o olhar do Outro.

Não houve cedências fáceis.

Não houve condescendências populistas.

Houve tentativas de entender.

Houve diálogo, por vezes de emoção contida.

Houve aquilo que a que Comissão Organizadora sonhara

Houve Academia

Bem hajam todos pela vossa contribuição